

(C. BERNARDO)



Xidimingwana:
o filósofo dos
sons que se faz
de guitarra e
canto

“DLAWANINE”

A nova narrativa de Xidimingwana

GIL FILIPE

Xidimingwana é um dos nossos tesouros culturais. Através da música, a arte que elegeu para se tornar homem, fez-se indelével no cenário cultural moçambicano, marcando gerações ao longo dos últimos 62 dos seus 77 anos de vida. Sim! Começou a carreira aos 15 anos, dedicando-se ferozmente a ela. Essa entrega lhe valeu toda a reputação que granjeia e toda a voracidade com que o querem muitos moçambicanos, mesmo os que não entendem o seu changana vernáculo. O músico volta a ser notícia por estar a preparar o lançamento do seu 22.º álbum, “Dlawanini”, a 9 de Agosto no Centro Cultural da Universidade Eduardo Mondlane.

O novo disco de Xidimingwana não confunde. O ritmo e os condimentos que normalmente rebusca para ler o mundo que o rodeia estão lá, redistribuídos por onze temas que foi preparando ao longo dos últimos três anos. O epigrama, às vezes com tons de sarcasmo, mas necessário num tempo em que – advoga – a sociedade anda, em alguns aspectos, de avesso.

Em conversa com o “Notícias”, Dominginho, como chega a referir-se, justificando estar a exercitar

o seu português ao traduzir do changana o diminutivo do seu nome, afirma-se louvado pelos seus antepassados e pelo que a vida lhe tem proporcionado. São estas as fontes de energia deste criativo artista, que diz viver o passado e o presente sem se importar com o futuro, porque – fundamenta – esse é que se deve preocupar consigo e não o contrário.

“Que futuro alguém de 77 anos tem que perseguir? Estou grato ao passado e ao presente por aquilo que me proporcionam. O passado é algo que tenho nas minhas mãos e na minha cabeça, porque muito do que faço vem do que já vivi, do que já assisti. Agora, o amanhã... esse é dos de amanhã”, discreta.

Xidimingwana diz-se homem de muitas vivências, que lhe inspiram sempre a reflectir sobre o que lhe rodeia. Aliás, reflectir é um exercício a que se entrega de modo comparável ao dos fanáticos em relação às suas obsessões. “Não consigo viver só por viver. Gosto de pôr a funcionar os meus neurónios (no vernacular changana deste filho de Vutho, localidade do distrito de Bilene, em Gaza, a expressão que usa é “marambo ya nhloko”, ossos da cabeça, se quiséssemos traduzir literalmente). Mesmo quando bebia mal coado estava sempre a pensar, vindo daí muitas canções”...

Filósofo por excelência, faz trocadilhos a situações diárias, muitas delas tristes, dando-lhes um ar de graça em várias canções. É também assim “Dlawanini”, tema que dá título ao álbum. Canta sobre uma mulher que ele acredita estar possuída por um demónio que a torna ninfomaniaca, chegando mesmo a “atacar” mesmo rapazes de idade tenra, aos olhos de uma sociedade que apenas se espanta e não age.

Questiona ele o porquê da Justiça não actuar perante



O alcoolismo e a promiscuidade

A promiscuidade, que muitos lares tem dilacerado nos dias que correm, tal como o alcoolismo, “febre” que atinge gente cada vez mais nova, com todos os perigos que daí vêm para toda a sociedade, são alvos de vorazes ataques por parte do músico. No disco o artista canta em dois temas a infidelidade, que para “já é doença”.

Numa outra canção de “Dlawanini”, “M’pakani”, Xidimingwana prolonga o tema inspirado numa mulher da sua zona de origem. “Na verdade isso acontece em muitos lugares. Mesmo aqui em Maputo. Há cada vez mais mulheres a beber e a estragar-se por causa do álcool. Mas no caso desta que canto, bebe tanto que não consegue construir um lar. É por causa de mulheres como esta que às vezes se perde o esforço que a nossa sociedade empreende para valoriza-las. De tanto beber arrisca-se a ser violada nas suas bebedeiras, ter filhos que dificilmente saberá quem são os pais. Aliás, mulheres destas fazem-me recordar de uma outra, que tem um

marido mineiro na África do Sul. É tão promiscua que ficou grávida três vezes e conseguiu convencer o marido de que as crianças fossem suas porque à noite sonhava em cópulas com ele. Apontava a nuca das crianças dizendo ao madjone-djone (emigrante na África do Sul) ‘olha, este filho é teu, não vês que tem uma nuca parecida à tua?’ Fosse eu, este homem...”

Entre estas e outras histórias e estórias do dia-a-dia Xidimingwana quis com “Dlawanini”, tal como de resto tem sido em todos os seus trabalhos, interpretar a vida e as vivências dos moçambicanos.

Crítico, aponta alguns dos males que na sua opinião podem degenerar em desgraça para a actual geração de moçambicanos, com destaque para os mais jovens, que escorropicham mesmo mixórdias. O consumo excessivo de bebidas alcoólicas por esta camada da população até arrepiava-lhe, segundo aponta. “Uma coisa é as pessoas serem criticadas por quem não entende nada do que fala. Eu já bebi. Muito! E já bebi

tudo. Mas o que está a acontecer hoje, principalmente com os miúdos, é arrepiante. Os miúdos estão a beber demais, demais que até chego a pensar que se trata de uma geração que não quer ser adulta. É normal ver crianças e jovens com menos de 20/25 anos a beber tanto como se o dia seguinte fosse o do seu funeral. É violenta a forma como bebem e se espatifam. Julgo que é hora de se olhar para este problema de uma forma mais séria. Eu tento contribuir através da música ‘A Naha Phuzi Gwala’ (já não bebo, traduzido do changana) e espero que a mensagem seja percebida. Na verdade não estou a dizer que não bebam, pois isso seria também terrível. Muitas fábricas faliriam se não se produzisse cerveja, vinho e outras bebidas. Também não estou a ver um país sem bebida, o que seria de nós?... Quero, isso sim, que bebam de forma responsável, que é o que falta por agora. Já ouvi dizer que miúdos da escola secundária bebem porcarias em plastiquinhos. Aonde vamos com isto?”, questiona.